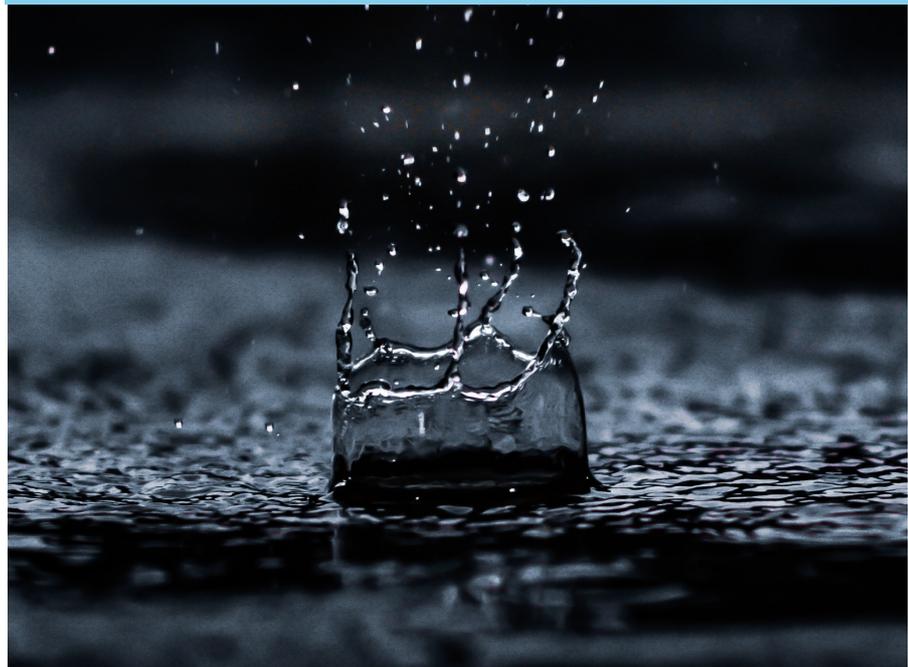


Chuva - Poemas Imprevistos e Precipitados

Caroline Ferreira da Silva



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Prefácio

Convém carregar um guarda-chuva para a leitura, pois os poemas aqui chovidos foram e são tão imprevistos como as chuvas que se precipitam sem previsão de tempo que nos alerte. Não culpe o meteorologista, no entanto.

A escolha pela espontaneidade das gotas (versos) e pela imprevisibilidade de formação de chuvas (poemas) é minha, na busca por colocar no papel uma força impulsiva da natureza. Contudo, o meu solo é seco. Se eu não escrevo rapidamente, os versos evaporam e, na aridez do meu ambiente, nada os segura para que se formem chuvas novamente. Certa vez, tentei armazenar essas gotas em baldes mas, além de não choverem, perderam a fluidez. No momento que se formam e caem, eu as esboço. E como caem! Principalmente, dentro de mim, justo aqui nesse deserto.

Uma controvérsia, coisa típica dos humanos. Mas sendo assim, é sincero esse livro, essas chuvas. Enfim, apesar de tudo, abro-me como o céu pós tempestade.

Diluída

Há uma tempestade insistente
em minha janela.
As gotas que caem são disformes,
são tortas, são belas.
Escorrem pelos meus olhos e transformam
tudo em aquarela.

O meu mundo agora é tela.
A minha pele agora é tinta.
E a minha dor...
ainda é dor.

Naufrágios

O mar, meu amor, subiu igual nuvem
e chove salgado na minha cabeça.
Eu já nem sei o que é lágrima
e o que é água.
Venta tanto por aqui
que não fica ninguém.
As flores foram para longe,
assim como os pássaros.
O meu guarda-chuva
eu finco no chão
para permanecer,
porque se eu voar,
não volto, não.
Já desabou um navio
e alguns peixes morrem no ar.
Eu naufraguei em terra
e minhas memórias
são destroços
soltos no mar.

Refugiada

Existir fora do próprio corpo é existir?
Eu ando existindo em nuvens cinza-azuladas
e meus olhos, em terra, me observam.
Eu sei que sinto frio e medo,
que meu sangue ondula igual mar,
e arrebenta
na barriga e respinga no coração –
náusea e lágrimas.
Pobre corpo que dói, queima, entristece.
Pobre eu tão absoluta em sofrer!
Tornou-se refugiada nas nuvens,

mas sem o direito de voar.

Buraco Negro

Era uma bela estrela em meu peito,
de energia pulsante, iluminava e aquecia.
Múltiplas colisões
e regenerações depois,
perdeu muito combustível.
Pequenina,
sua gravidade
saiu do controle
e sugou energia até
explodir!
Restou
um misterioso
buraco negro

Barqueto

Releitura de "Carreto", de Mário Quintana

Entre uma casa e outra, havia um mar
revoltoso.
A alma tinha apenas um frágil barco.
Oh! Foi uma luta para sobreviver!
A alma nem sabia mais porque navegava!
Naufragou.
E no destino, apenas o corpo
desembarcou.

Outono I

O outono guarda dentro de si,
ao mesmo tempo:
a sensação do fim,
como se a natureza fosse uma menininha
que sofre com a morte de um passarinho
e acredita que o outono é a última estação a
ser vivida;
e a sensação do porvir, uma intuição
carregada de melancolia,
de uma esperança azul igual ao céu outonal,
de que tudo...
tudo há de renascer

Outono II

Eu sou outono
Eu soutono
Eusoutono
Eutonoso
Eutono
(O outono me tomou)
Tomou o outono
Tomoutono
Tomo outono
Eu tomo o outono
O outono sou eu.

O artista

Não vê que sou eu em tudo?
Não me enxerga desnudo?
Em um todo múltiplo?

Não ouve meu apelo?
Não sente meu medo?
Segue além do espelho!

e se verá em tudo
se enxergará desnudo
se tornará múltiplo
me ouvirá
me salvará
atravessará!

Percebe?
Somos todos eu!

A atriz

Deslizo feito tinta
brilho feito cor.
Toco feito melodia
vibro como nota
para compor.
Meu corpo é bailarina
aprende cada passo
feito menina.
E sem temor,
segue feito vida
ato a ato
vendo, sentida
tato, olfato
rumo ao clamor.
Pouco compreendida,
sigo sozinha.
Sou um detalhe na tela,
Sou uma nota singela,
mas sempre vibro
com amor.

Refúgio

Eu posso estar sufocada com esse ar,
mas, pelo menos para os meus olhos,
o céu ainda é mata virgem.
Não há homem que desmate o azul
ou arranque suas estrelas.
Apenas nuvens...
Que ora o suaviza,
ora o dramatiza.
O céu é minha floresta tropical

azul.

Fantasma

Tem um trem cantando longe...
Ele anda no asfalto e o
romantismo é para divertir as crianças.
Sua canção falsa
e a sua inocente alegria
me fazem querer embarcar...

(Pule!
Esse trem cantando ao longe
é como a vida possível.
O maquinista nos chama:
– Venham todos embarcar
no trem da alegria!
Mas ele mesmo é motorista.
E o trem é ônibus disfarçado.
Quando você percebe,
embarcou num trem-fantasma,
onde a alegria é passageira
e o bilhete de entrada
é a sua ilusão.)

Ah! Mas tenho penosa saudade
daqueles dias em que
eu não sabia diferenciar
nem mesmo a realidade
da fantasia e, assim, viajava para dentro
de mim, em qualquer trem,
sem o medo aterrorizante
que tenho agora
de encontrar
um fantasma!

Homesick

Em todo destino, vivo passageira.
Mantenho portas e malas abertas.
Todo o meu presente anseia pelo futuro e
meu lugar mais desejado é sempre a minha
casa.

Nessa última viagem, a brisa do retorno,
sempre morna e fresca, doce e úmida,
púrpura!

como a mais esperada chuva pós seca,
estava gélida...

e só!

O presente congelou ali e a minha casinha,
sujeita aos futuros, está ruindo.

Posso até ver uma pequena janela acesa,
mas ela é estrela que já morreu,

é luz que viaja

sabendo que também

não retornará para casa.

Desrealização

O alívio de poder sair do corpo
é não sentir mais.
Toda hora, eu saio.
Flutuo indiferente
como nuvem.
Até a hora em que
me apontam e, assim,
me fazem existir.
Fico obrigada a ter
forma de animal, de gente.
Deixem-me apenas
ser essa mancha
flutuante!
Que é levada pelo vento...
Que chove!
Troveja!!
E que morre...
por caminhos imprevisíveis...
Sem dor.

O motivo da margarida

Não adianta estar com os pés na água
receber as gotas do orvalho
ou a luz indireta do sol.
A umidade me apodrece
e a luz me evidencia
no contraste com minha
escuridão.
Uma flor nunca deveria
ser arrancada do campo
para ser despetalada
por tantas mãos.
Entre muitos mal me queres
me restaram alguns bens
que já não podem proteger
esse miolo exposto,
esse pedaço seco
que pende e dói.
Diante dessa natureza morta,
alguém há de ter piedade e
cavará uma cova na terra
para me plantar.
A ausência de um broto
será o próprio e silencioso
epitáfio da margarida.

Insónia

É uma distância pequena
entre a minha e a tua janela.
Mas a escuridão da madrugada
é vastidão entre elas.
Tu és a janela acesa,
sou sombra na escuridão.
Na madrugada, tu és estrela
e parece assombração.
Nesse universo noturno,
a tua luz é aquela que teima
em vagar na minha direção.
Ah! Eles estão dormindo!
Em imensos buracos negros!
E tu, vigilante, – sozinho! –
és quem sabe do meu medo.

Missa das almas

Quando uma criança padece em silêncio,
em todos nós, morremos a humanidade.
A vida ainda em botão de flor espera aquela
água fresca,
aquele amor espontâneo de quem passa e,
ternamente, cuida.

Mas, quando uma criança sofre em silêncio,
o botãozinho murcha e caem as pétalas
que ele ainda nem tem.

Sem vaso, nem jardim ou varanda
para morar, você não pôde ser flor.

Em um mundo afundado na feiura,
sua beleza de criança, livre, leve,
ora flor, ora passarinho,
ora boneca, ora carrinho,
despertou o monstro que vive embaixo
da cama do mundo, lugar imundo.

Oh! Como eu desejo ardentemente
um "feliz para sempre" para o seu
"era uma vez um menininho...!"

Mas não houve fada madrinha,
ou uma princesa ou um príncipe,
ou qualquer magia! Nada!

Apenas o silêncio de um livro nunca lido,
cuja história está sempre ali, se repetindo,
até o momento em que as traças, o mofo
ou a poeira fazem com que ele seja jogado
fora.

Contudo, imundície do mundo e suas
criaturas, a morte dele e de uma humanidade
inteira

não passa despercebida!

Apesar do silêncio aparente, falo, humilde,
como poeta:

levantam-se agora todos aqueles
que cantaram, escreveram e pintaram a vida!
Em um coro abalado de tristeza, porém forte
em despertar aquela que vive no topo das
montanhas,
entre as nuvens, na poeira das estrelas, nas
crateras da lua,
que paira no céu, que cai com a chuva!
A esperança!
Pequenino, seu túmulo está coberto de botões
secos,
arrancados pela violência do lar, da rua ou da
guerra.
O seu corpo é a própria pintura da dor envolto
em uma camiseta inocentemente listrada.
Mas a missa e o réquiem, música mais bela
que já se ecoou
nos universos, é a voz de todos nós, poetas
mortos-vivos,
em sua homenagem.

Entrelinhas e agulhas

Suas agulhas são dedos?
Ou seus dedos são agulhas?
Pequenina, observo,
minha mãe a trabalhar.
Ela não sabe, mas suas
tramas, linhas coloridas
faz sua filha sonhar.
E entre dramas da vida,
sua linha eu segui
apenas
no momento que a vi
de mãos paradas, no ar.

Mascarada

O som seco do motor,
ao longe, é a vida,
que é morte também,
me lembrando que
o passo fora da faixa
será sempre motivo
para o meu atropelamento.
O cheiro de gordura
entrando pela janela,
é ela de novo,
me lembrando que
a realidade é essa
gordura suja dentro de mim,
que é fétida e queima.
– Olhe pela janela –
ela me diz, como quem
convida a respirar a vida
mas que me puxa
para um salto de morte.
Ela me engana. E,
ao me confundir,
me enlouquece.
Esse é o jogo.

Sem-teto

Todo o meu teto
é um vácuo

que desabou.

Muda, eu grito.
Não há estrelas
nesse universo.
É apenas o breu,
o silêncio e
eu.

O infinito dói.

Queilose

As bolas de papel,
as ofensas dos corredores,
as mãos que me apertavam,
os olhos que me odiavam,
o ódio que me espionava,
as risadas, a indiferença,
o cheiro ácido da escola
está empestando o mundo.
Eu sabia!
Nunca parei de sentir
a dor da juventude roubada,
nem o cheiro
dos hormônios palpitantes
de maldade e medo!
Ainda uso o mesmo uniforme
e a cicatriz do alvo continua,
evidente, na minha testa.

Mariana

Pobre menina Mariana
vomitando lama.
Seu pequeno corpo
filtrando o drama
de uma natureza inteira.
Quando o mundo
está invertido,
o rio vira terra,
a criança é poluída
e ninguém, ninguém
desenterra.

Nascimento

O ar era quente
e a brisa macia.
O azul silenciava
as nuvens que queriam
chover.
Pássaros deslizavam
sobre montanhas
de vento.
As árvores
eram estáticas
como em um desenho.
Alguém pisava uma
areia fofa
e todos sentíamos
a cócega úmida do mar,
que se misturava com
o aroma de terra
da chuva
acima silenciada.
Caprichosos raios de sol
iluminavam a cidade,
única coisa concreta
daquele dia.
Ela se impunha dura,
áspera, desarmoniosa,
apenas para evidenciar o restante que
acontecia,
seu oposto.
A música de tudo
tocava completa.
As criaturas todas
estavam em paz.
O ritmo que destruía foi
tocado por bondade e

cessou.
Abraços foram dados
e todos sentíamos
o coração no peito.
A alegre ansiedade
de prever algo
desconhecido e
maravilhoso!
A dor esplêndida
no ser que nos faz
ajoelhar
em agradecimento,
e chorar enternecidos
por esse menino que
renasce e traz
tanta plenitude
para essas sombras
que tremulam no
asfalto desse verão,
incapazes de sentir a água que agora cai,
mas que sucumbem
diante da luz que acaba
de vir ao mundo.

Retalhos

Queria pregar o seu botão
(só que Deus não quis).
Passar e costurar no molde
que eu desenhei (e rasguei).
Uma casa de botão,
uma casa com portão.
Marcas só de amassar
nunca marcas de chorar.
E tudo o que sobrou:
retalhos de vida pelo chão.
Oh, Deus!
Costuro o que sobrou
no peito rasgado de você,
(meu bem).

Ser poeta

O seu olhar pousa sobre as naturezas,
o seu coração derrete-se em tinta
a respiração desenha em carvão
e a mão...
é angústia!
por ser instrumento das coisas concretas,
enquanto todo o ser poeta deseja expressar
o impossível, o invisível, o inalcançável, o
inominável
ser abstrato que habita toda matéria – ou o
entorno dela.
Vive a se esconder, na escuridão dos
significados
ou na clareza de seus predicados.
A única razão que o encontra é a emoção,
destemida e sofrida,
do poeta.

A rua e o rio

Bauru, dia nublado de um mês seco, de um ano cinza.

Aqui, onde nascem os rios, nascem as ruas
Ruas líquidas como o rio
Rios secos como a rua
Ruas que são trilhas
Rios que são trilhos

Aqui, onde nascem as ruas, morrem os rios
Rios sujos como a rua
Ruas cinzas como o rio
Rios que são trilhas com lixo
Ruas que são trilhos sem trem

Aqui, onde nasce o rio, já morre o rio
Aqui, onde nasce a rua, já morre a rua
Nasce morto
Vive morto
Nasce morta
Vive morta
A nascente morre na própria corrente
O passante morre na própria enchente

Aqui, onde nasce a riqueza, nasce a pobreza
São ruas de dinheiro
e rios de pobreza
São trilhas invadidas e são trilhos abandonados

Aqui, onde nasce a natureza, morre a natureza
São ruas antinaturais
e rios de gramíneas invasoras
São trilhas com esgoto
e trilhos sem Cerrado.

Aqui, onde nascem os pequenos, já morrem os
pequenos
São rios de meninos e meninas – que secam
e...
são ruas de homens e mulheres
são trilhas com terra batida
são trilhos sem estação.

Aqui, onde morre a natureza, nasce a natureza
Aqui, onde morrem os pequenos, nascem os
pequenos
São ruas de pássaros
e rios de musgos
São trilhas de vozes
São trilhos de encanto.
Renasce
Revive
Vida
Nascente
Corrente
Passante
Vivente
Rua
Rio...
Rua
Riu
Rua ruiu
Rua ruído...
Aqui, onde nascem os rios, nascem as ruas
Ruas líquidas como o rio
Rios secos como a rua
Ruas que são trilhas
Rios que são trilhos...

Vênus

Vê-nos
Vênus
que vemos
nus.

Auto-extinção

Do que adianta a chuva
se ninguém a vê, ouve ou sente?
Ora, o verde revive,
o rio corre mais feliz
e o ar se purifica.

Vida!

Mas do que adianta a vida
se estamos todos mortos?
Oh! Angústia da extinção!
Que me faz plena, absoluta
em ser quem sou:
olhos de abstrações
sobre o mundo...

E criatura estúpida
que fura os próprios olhos
e cega, sangra o próprio
universo.

Cartografia indígena

A rosa dos ventos
deste mapa
foi despetalada
pela fúria da armada
pelo vento e pela espada
da civilização.
Sem Norte, Sul,
Leste ou Oeste,
o índio deste agreste
foi dizimado pela
peste azulada,
a maresia da colonização.
Pobre rosa pisada
nesse mapa de
emboscadas
de guerreiros
e encruzilhadas
dessa sangrenta missão.

Partida

Quando fechei a porta,
ensurdeci.
É o silêncio
de todo o vácuo
que agora
existe em mim.

O voo das andorinhas

A todos os artistas

Nós voamos alto, baixo e médio.
Velozes, planantes, flanantes.
Retas, inclinadas, na vertical
e na horizontal, de ponta-cabeça.
Por terra, água, construções, variados céus.
São múltiplas visões e,
mesmo quando estamos felizes,
a gravidade é dramática.
O drama vira canto no nosso peito
e sai triste, alegre, belo, feio, forte,
suave, de cores variadas, claro, escuro,
curvo, reto, bidimensional, tridimensional,
intenso, fraco, macio, áspero, grande, médio,
pequeno, (realista, impressionista, surrealista,
romântico, barroco, neoclássico, ingênuo,
artístico,
artesanal, contemporâneo e assim vai, não
importa),
pintado, esculpido, fotografado, materializado,
na tela, na argila, no concreto, no ferro, no
vidro,
no papel, no pano, na madeira, no ar, sentido,
sonhado,
chorado, suado, silencioso, sonoro, sobre
pessoas, naturezas
(vivas ou mortas), paisagens, ideias,
abstrações, o nada, o tudo,
real, virtual, histórico, social, ambiental,
ecológico, político, lírico.
De uma forma de cada vez, duas ou três, ou
tudo misturado.
Mas é sempre poético. Sempre.

Quer uma carona?

A minha vida foi jogada em um carro.
Um carro louco, enferrujado, vagabundo,
cuspidor de fumaça.
Mas ele é cool, tem o charme do vintage que,
ouvi dizer, está na moda.
Quando pequena, botaram-me o cinto.
Fiquei segura por um tempo.
Não que o carro tivesse se acalmado...
Continuava doido de pedra, doido de terra,
doido de asfalto.
Anos depois, foi parado por uma blitz insana.
Os cassetetes bateram forte.
Quebraram os espelhos.
Não devolveram minha identidade até hoje.
Levaram uma roda dianteira e uma traseira.
Violentaram o escapamento.
Destruíram o para-brisas.
Apagaram os faróis.
Está difícil enxergar o caminho.
Maltratado, seguiu viagem mesmo assim.
Mais lento, mais barulhento, mais fumacento,
cinto afrouxado.
Qualquer acidente, pequeno que seja, ele me
joga para fora.

Dói.

A segurança foi embora.
O rádio emperrou numa canção triste, cheia de
guitarra.
Lá vem lombada alta.
Lá vem chuva torrencial. Lá vem sol trucidante.
Lá vem poeira alérgica.
Bato a cabeça, derrapo, torro e espirro.
Já sou tão vagabunda quanto o carro.



Mas sem o charme vintage, aliás sou geração
Y.
E sigo na forquilha, dentro do carro
desembestado.

Oração para Brumadinho

Oh! Era lama que pulsava
de suas veias!
Pobre menino!
Queria nos salvar,
como toda criança!
Mas o seu sangue
é rejeitado!
Ele queria nos salvar!
Mas seu corpo
foi profanado!
Levanta o pão
e tens metal!
Levanta a taça de vinho
e tens lama!
Toda vez que comemos
deste pão
e bebemos
deste cálice
anunciamos,
pobre menino,
a sua Morte e...
apenas choramos!
Porque levantamos pedras
e não te encontramos!
Porque na sua busca,
há a mais pesada morte!
O poeta fica triste
pelos sinos que não
se dobraram por ti.
Eles estão imóveis
até agora, em meio
às brumas de poeira.
As mãos que os badalariam
foram lavadas.

Foram lavadas!
Perdão, menininho.
Divida o seu sangue comigo!
Uma divina transfusão!
Deixe-me purificá-lo!
Deixe-me!
Fazei-me instrumento
de sua purificação!
Amém.

Outono particular

Sinto a dor impiedosa
e permanente da perda.
Por ter o outono vivendo
no meu corpo, talvez.
E a renovação nunca
chega! Estou repleta
de folhas secas,
estalando na alma...

Que delicadeza a sua,
amor meu,
ter feito outro outono
para nós.
Lá, verão, primavera e
inverno têm sempre o
nosso vento fresco.
Os caminhos são
sempre cobertos
de folhas e galhos caídos.
De suas mãos, fortes e gentis,
brotam frutos!
Um lugar onde existe,
no frescor verde-água,
a promessa de rosas que
hão de desabrochar!
A promessa, aqui, tem cheiro de terra molhada
e]
a esperança é azul,
reflexo do nosso céu outonal.

Pegue essas folhas secas
que estão aqui dentro
e as coloque pelos caminhos
de nossa terra,
abrindo espaço

para a vida,
urgente e nova.
Deixe-as continuar
seu ciclo.
São por elas que
o vento sopra.
E é por você
que ainda respiro.

Retrato pintado sobre a moldura

Rios castanhos,
pés descalços,
sapatos surrados,
olhares angustiados,
pele craquelada,
cabelo seco,
unhas amareladas,
madeira cortada,
mata queimada,
escravo açoitado,
montanha decepada,
lixo amontoado e
esgoto derramado
compunham
os trapos daquele homem,
marginal na marginal.
Colocaram-lhe
panos quentes,
contrastantes
com a frieza cinzenta
e suntuosa
do Brooklin
paulistano.

Verde e cinza

Sou ligada ao céu nublado
como a chuva carregada
que se precipita de
uma nuvem a outra.
Um caminho de
cachoeira gelada,
cuja queda é
tão intensa
que queima
a pele já ferida
pelas intempéries
dessa chuvosa vida.
Com tanta água,
as lágrimas também
é chuva e
o corpo, dissolvido,
também é terra e verde.
Somos todos sobre
luz verde, nesses dias
tão cinzentos!
Nada mais ameno para
a melancolia,
que se integra à paisagem,
sem grandes contrastes,
ao ser puro mal-estar
em total e úmida harmonia.

Joana e a maior gaiola do mundo

A maior gaiola do mundo
tem as grades destruídas
e um chão todo vazado.
Sua portinha é aberta
e seu interior
nunca está habitado.
A maior gaiola do mundo
é como a história:
nos lembra que sempre
existiu a crueldade,
mas sempre nos chama a resistir
com um voo de liberdade.
Na maior gaiola do mundo,
a avezinha fez seu ninho.
Primeiro, levou seus galhos
para dentro e o emaranhado
virou um bercinho.
Antes de botar seus ovos,
porém, mudou o novo lar
para o lado de cima da gaiola.
No teto curvado da maior gaiola do mundo,
há uma rolinha e dois filhotes.
Cômica, sutil e delicada,
equilibra-se no topo
de um universo.
Ela nos lembra que a vidapede por cuidado
eterno.
Se a rolinha e seus filhotes
despencarem da liberdade
que nos foi dada,
é um sinal de que toda a vida
do planeta está ameaçada.

116 chuvas

Não é mais possível
marcar o tempo com o relógio,
porque não há um dia
em que caibam nossas horas.
É ainda mais difícil
contar datas no calendário,
porque não há um ano
em que caibam nossos dias.
Nosso tempo coube melhor
na imprevisibilidade
dos ciclos chuvosos,
ora mais curtos que um dia,
ora mais longos que uma semana
ou vários meses.

Lá vem nossa 116ª chuva!

Folhas de calendário
voam e somem no temporal.
Os sons dos relógios
tornam-se mudos no vendaval.
Assim, o amor escorre
pelo seu curso natural.
E o temporal torna-se
atemporal!
Nunca teremos bodas, porque temos chuvas.

Carnaval

As cores do meu carnaval
marcham na rua da infância,
festejada de esperança,
que passava atrás do meu quintal.
Do alto do muro,
embaixo do céu escuro,
eu via a luz de um bloquinho,
bem pobrezinho...
Personagens costurados
à mão ou na velha máquina
ritmada na mesma marchinha
que dança agora,
sozinha!
– toda marchinha é
solitária, não importa
quantas pessoas
a chamem para bailar.
Igual a esta bailarina,
com seu tutu romântico,
de tule áspero
e branco,
cuja única fantasia
é poder dançar.
No carnaval, somos todos
mendicantes!
O bloco implora, marchando saltitante,
alegre e desesperado,
pedindo, humildemente,
que seus sonhos
sejam realizados.
A sabedoria da rua
sabe que há mais tristeza
do que alegria nessa
inocente folia.

Por isso chove
serpentina,
o choro dos foliões!
Colorida melancolia
borrada pelos bufões!
Do alto do muro,
eu ouvia, nos metais,
a banda rir e chorar.
Do lado de fora,
festa e cor;
do lado de dentro,
desejo e dor;
tanto para quem desfila,
quanto para quem espia,
de cima de um muro,
a complexa, porém,
singela miséria
humana.

Um teto todo céu

O meu teto é o céu
perplexo de nuvens
sem nenhum buraco azul
por onde raiam luzes.
Celebro as imensas
múltiplas goteiras
que levam o tempo
para a beira do mar.
Tudo está inerte
menos o grande raio
que explode e verte
energia ao me chocar:
criatura que nasce
para dentro do ovo cinza!
Que se enterra e brota
para baixo!
Bicho que ninguém vê
não pode ter história.
Filha da tempestade
é apenas escória.
Jorra das bocas-de-lobo
e escreve angústia,
tristeza, depressão.
Mas quando passa a fúria a chuva e o furacão,
a casca quebra,
não tem mais teto.
Há apenas um feto
que morre para fora
do ovo cinzento,
sem redenção.
Uma espécie de fênix
invernícula
que renasce em água
quando tem um teto

todo seu.

Era um estádio grande e vazio

Sonhei que o encontrava
em um grande e vazio
estádio de futebol.
Chovia.
A minha cabeça rodava
por todas as arquibancadas.
Eu temia que as batidas
do meu coração pudessem
me acordar.
Eu sabia estar em sonho:
sua presença era muito real.
Tão real que eu sentia no tato,
mesmo que estivéssemos
lado a lado, sem nos tocar.
Eu queria desesperadamente
falar e só consegui olhar
para o seu nariz redondinho
e vermelho, como o de um palhaço,
e para o seu olhar vivaz,
sempre viajante pelas coisas do mundo.
Em vão, eu tentava dizer algo.
Você me olhava e depois olhava
para o estádio branco e vazio.
A minha boca não abria.
Desisti de falar e o abracei.
Você se levantou e saiu caminhando para não-
sei-onde.
(Para onde vão os poetas?)
Tentei compreender esse sonho
por anos e o que ficou
foi o sonho de novo.
Tentei escrever poemas
sobre o sonho e o que ficou
foi o sonho de novo.
Dez anos se foram

para eu perceber
que o sonho
já é o poema.
É um poema único.
Aparentemente simples,
nas suas arquibancadas
brancas.
Visivelmente grande
em sua estrutura
de estádio.
Profundo
em seus mistérios
de vida e de morte.
Talvez revele a solidão
que os seus poemas ocuparam,
docemente. Talvez.
Eu sonhei Mário Quintana.
E não há nada que possa dar conta disso.

Chuva

No forte
farfalhar
das folhas,
choveu,
antes da chuva
chegar

ÍNDICE

Prefácio.....	4
Diluída.....	5
Naufrágios.....	6
Refugiada.....	7
Buraco negro.....	8
Barqueto.....	9
Outono I.....	11
Outono II.....	12
O artista.....	13
A atriz.....	14
Refúgio.....	16
Fantasma.....	17
Homesick.....	18
Desrealização.....	19
O motivo da margarida.....	20
Insônia.....	21
Missa das almas.....	22
Entrelinhas e agulhas.....	23
Mascarada.....	24
Sem-teto.....	25
Queilose.....	26
Mariana.....	27
Nascimento.....	28
Retalhos.....	29
Ser poeta.....	30
A rua e o rio.....	31
Vênus.....	32
Auto-extinção.....	34
Cartografia indígena.....	35
Partida.....	36
O voo das andorinhas.....	37
Quer uma carona?.....	38
Oração para Brumadinho.....	39
Outono particular.....	40
Retrato pintado sobre a moldura.....	42
Verda e cinza.....	43
Joana e a maior gaiola do mundo.....	44
116 chuvas.....	45
Carnaval.....	47
Um teto sobre o céu.....	49
Chuva.....	52

Colecção

digit@lmente

Título: **CHUVA**
-POEMAS IMPREVISTOS E PRECIPITADOS
Autor: **CAROLINE FERREIRA DA SILVA**

A partir de 2022, a Colecção Digitalmente acolhe todas as edições para uma melhor experiência de leitura gratuita online.

Edição em Formato Digital: **Fevereiro de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997